Anno II — Sabbado, 12 de Janeiro de 1889 — Numero 5

# A LUVA

PUBLICAÇÃO MENSAL DO CONGRESSO BRAZILEIRO

POR INICIATIVA DE ALGUNS SOCIOS

## A LUVA

### A MULHER VAIDOSA

Côrte, 12 de Janeiro.

Nós, sobre quem peza o compromisso de responder « ás timidas observações apresentadas » por um collega, sobre o artigo que no passado numero veio firmado sob o titulo acima, respeitosos vimos impetrar da graça e da bondade de VV. Exas., pacientes leitoras, o perdão de affastar-nos hoje da nossa missão sobre a mulher.

O Sr. Augusto Gonçalves, um dos talentos que mais illustram as columnas d'*A Camelia*, orgão do Congresso Terpsychore, é o unico culpado d'esta nossa falta, por isso que em bem traçado artigo do n. 5 d'aquella folha acha que nós « tolerando a vaidade na mulher moça, solteira e bella, não deviamos combatel-a nas velhotas, nas feias e nas viuvas, porque se áquellas é permittido o uso dos postiços, com maioria de razão o deve ser a estas, pois só estas precisam d'elles para se parecerem *moças* e *bonitas* ».

O delicado collega não quiz interpretar o nosso juizo tal qual o expuzemos, e d'ahi a razão porque pensa que cahimos em contradicções.

Nunca dissemos que a vaidade consistia em usar de postiços.

Deus nos livre que esse colorido da belleza feminina não fosse mais do que essa enorme carga de aleijões que as velhas, feias e viuvas, por cuja causa combate o collega (?), accumulam sobre si.

A vaidade, como entendemos e como expuzemos é esse *coquettismo*, esse *chic* tão seductor e tão desculpavel na mulher que sabe usal o.

Não comprehendemos que ser vaidosa seja ser tola, ser presumida, como acontece a grande parte das moças de nossa sociedade: não senhor! queremos que a vaidade na mulher moça, e na mulher bonita principalmente, seja uma certa correcção, harmonia e gosto no traje e uma graça especial que não se empresta, nem se ensina, revelada no mais simples movimento e no modo de collocar o mais pequeno enfeite.

O collega, como nós, já ha de ter visto, mais de uma vez, durante o dia, senhoras que, solteiras, casadas, viuvas, feias ou bonitas, pelo simples facto de se acharem em sua casa, mostram pela sua *toilette* o pouco cuidado que tem em si e o nenhum apreço que dão a esta formalidade de andar a mulher sempre vestida como deve.

A mulher vaidosa como nós queremos não se descuida d'este dever.

O collega não considera tambem, como nós, a mulher como o *chef d'œuvre* da natureza e a mulher bonita como uma divindade?

Então como quer que ellas atirem toda a sua seducção ao desprezo?

Sim, porque não ser vaidosa, cuidadosa, *coquette* é não importar-se em aproveitar os dotes com que foi mimoseada

E é por isso que dissemos e repitimos « que a mulher mais ou menos bella, solteira e moça, seja vaidosa supporta-se, tolera-se até certo ponto, porque para a mulher educada debaixo de certos principios o apresentar-se sempre aceiada, correctamente vestida á moda, ter mesmo um certo luxo, torna-se para o meio em que vive uma necessidade; mas o que não se supporta, o que é simplesmente ridiculo é que uma senhora nas proximidades do meio seculo, ou depois de viuva, queira com as poderosas e enganadoras armas da vaidade entrar em concurrencia com as crianças de 20 annos ».

O facto de ter sido a vaidade fonte de ruina de fortunas collossaes não quer dizer que se a despreze, desde que, como dissemos, accommodem-n'a dentro de certos limites aonde o exagero não alcance e *de accordo sempre com as posses*.

E' n'estas condições tambem que toleramos o luxo.

E foi pensando assim que, concluindo o nosso artigo, dissemos que não podiamos deixar de manifestar a nossa fraqueza pela vaidade, nas condições, porem, exaradas n'aquelle artigo, tendo comtudo dito no começo que a vaidade era um vicio, um costume, uma segunda natureza que quasi sempre prejudicava a mulher.

Consideramos no primeiro caso a mulher *coquette*, a mulher *chic*, a mulher verdadeiramente vaidosa e no segundo a mulher orgulhosa, tola, presumida.

Concluindo, scientificaremos ao illustre collega, o Sr. Augusto Gonçalves, que, longe de tomar a mal as suas observações, agradecemos a consideração que tributa á redacção da mais modesta defensora do bello sexo, *A Luva*.

### OUTRA LUVA

Descalça a negra luva, que zelosa
Rouba aos olhos meus tua mão franzina,
Mimosa, delicada e pequenina,
Como a pel'la macia de uma rosa.

Descalça... pois eu quero pressurosa
Vêr correr essa mão, que me domina,
Nas cordas do instrumento que fascina
E arrebata minh'alma desditosa.

E então, emquanto os sons forem fugindo,
Como chusma de abelhas pelo espaço,
Sentirei no meu peito outros desejos.

Como estes divinaes, que estou sentindo:
— Envolver-te a mão fina e todo o braço
N'outra luva mais quente — a de meus beijos.

Lauro.

## AS MOÇAS

Eu, minhas gentis senhoras, não serei como os meus antecessores: digo o que sinto e sem guardar reservas.

Os meus companheiros, do tempo em que se apanhavam moscas com vinagre, pensam que com balelas e mentiras doces VV. Exas. cahem.

Qual nada!

Se não cahirem com a especial tactica que eu tenho, não cahem de outra maneira.

Aqui n'este Congresso, n'esta sala em que escrevo, n'esta mesma sala em que VV. Exas. tantas vezes têm estado e onde vós e nós tanta sorte boa temos dado; aqui n'este Congresso tem vindo uma moça, cujos traços não pinto para não me trahir, que ha umas cinco partidas mais ou menos tem sido delicadamente convidada por mim a cahirmos na suave e perfumosa estrada do amor.

Isto, em bom portuguez, quer dizer: gosto d'ella e tenho procurado ser correspondido.

Esta moça (ignoro a sua idade) dança perfeitamente, correctamente (como diria o Gentil) e isto é quasi o bastante para dançar muito commigo.

Temos dançado de tudo: quadrilhas, polkas e walsas, e n'aquellas, em quanto o *vis-á-vis* se distrahe, e tambem durante estas, eu digo-lhe ao ouvido aquillo que nunca fui capaz de dizer ao Frugoni.

Ella ri, córa, atira-me uma satyra, lança um olhar de *quem não quer* ao Cezar, e continúa a dançar.

Eu disfarço, finjo que não vejo, e faço o mesmo.

Isto se repete constantemente, de espaço a espaço.

Agora, quem não vai muito com tudo isto é o Fricinal, porque tambem gosta d'ella. Ella, porem, não liga, sabem?

Mas mesmo assim, não consegue dar-me uma esperança, se quer.

Agora, o que creio é que ella, ou está se fazendo de boa, ou então não vai mesmo nada commigo, apreciando, em todo o caso, a boa proza que fazemos durante a noite.

E para mim é preferivel isso (porque ella é intelligente, espirituosa e amavel) a responder a certas perguntas inconvenientes ou entreter conversas que nada entretêm, ou ainda conservar-me calado, o que não consigo.

Ora! pois hão de crer que já uma senhora, uma vez, n'esse *promenade* que se dá depois das contradanças, n'esse *tour* onde se diz e se ouve tanta cousinha boa, onde se falla de todos e de tudo, onde os namorados ajustam as velhas contas, finalmente n'esta conversa intima que todos, desde o indifferente até o velho pai, consentem, que se tenha com toda e qualquer senhora, seja intima ou não; uma senhora, disse eu, me veio fallar, talvez em falta de melhor assumpto, sobre o preço do feijão e da carne secca!

— Está tudo tão caro, dizia ella, que d'aqui a pouco seremos obrigados a viver sem comer; o senhor não acha?

— Sim, senhora, é verdade; mas que poesia então? dizia eu, querendo mudar de terreno.

— Ah! se se podesse viver assim, eu adoptaria o systema, porque, o senhor creia, eu só como para não dizerem que sou de luxos.

— Ah! por isso noto, V. Ex. tem emmagrecido bastante.

— E é justamente o que eu quero. Deus me livre de engordar mais do que sou.

... ... ... .....

Agora digam-me VV. Exas., sensatas como são, qual dos dous assumptos devo escolher para a conversação: feijão ou amor?

Naturalmente o ultimo; pois se em casos identicos eu procuro a moça do amor, de preferencia á do feijão, não ha uma só pessoa que não diga de nós justamente o que eu tenho procurado fazer, isto é: convidal-a delicadamente a cahirmos na suave e perfumosa estrada do amor, o que em bom portuguez é...

LUIZINHO.

## REVOLTA DAS FLORES

Foi em tarde de Maio — o mez risonho,
O paranympho dos amores castos,
Andavam no ar as illusões do sonho,
Indo de Phebo nos brilhantes rastos.

Vesper, nos céos infindos, recurvados,
Qual solitario enorme resplendia;
Cantavam rouxinoes pelos vallados,
Como que a despedirem-se do dia.

Mas na mansão florida, onde governa
A deusa que os sonhares meus completa,
Havia uma revolta — historia eterna,
Sempre seguida, mas sempre incompleta.

As flores, que os cuidados
Mais ternos, desvelados,
Recebiam de dona tão gentil,
Contra ella se voltavam,
E juntas conspiravam
Uma rebellião maldosa e vil!...

Protesta a linda rosa:
— Não lhe perdôo, não perdoarei jámais,
O ser assim valdosa
E querer imperar nos meus rosaes!...

Diz o geranium, terno e donairoso
Co'ares de D. Juan:
— Adoro-a, porque o labio seu mimoso
Me beija com afan;
Porém, acho-a assaz presumida,
E até mesmo um pouquinho louca,
Por tirar minha cor querida
Para pintar com ella a bocca!...

E, timida e innocente, a violeta
Por entre as folhas diz:
— Pois se até a modestia minha affecta
P'ra ter modos gentis!

Seguindo o floreo bando
Tambem falla o jasmim:
— Não gosto della, quando
Busca tirar de mim
Esta minha suave candidez
P'ra dar maior realce á sua tez!...

E um colibri multicor,
Repousando alli n'um galho
D'esse tão doce trabalho:
O beijar de flor em flor,
Diz:—Quanto a mim, se apenas conseguisse
Beijar-lhe a flor da bocca, rubra e doce,
Quizéra que minha alma ao céo subisse
E agradecer a Deus, ruidosa fosse!...

E as flores, sem fazer caso
Do importuno intromettido,
Vão pedindo, com alarido
Da vingança o menor prazo.

Subito, qual visão adoravel, divina,
Surge a fada ideal d'aquelle paraizo:
— E vós como passais, flores de essencia fina,
Alma do meu sorrir, vida do meu sorriso?...
Indaga, qual attenta
Mãi, que o filho acalenta
Na sagrada missão.
E aquellas doudas flores,
Esquecendo os rancores
E esquecendo a traição,
Deixam partir da rútila corolla
Mais finos e mais intimos perfumes;
E dizem: Vem beijar-nos! Essa esmola
Dá-nos, Santa, que o nosso fim resumes!

. . . . . .

Vesper, nos céos infindos, recurvados,
Qual solitario enorme resplendia;
Cantavam rouxinoes pelos vallados
Como que a despedirem-se do dia!

FRANCISCO SILVA

## CONCURSO

Com que então levaram mesmo á sério aquella nossa historia do concurso, heia?

Qual! não achamos isso possivel.

E se não fossem certos impagaveis pedidos e magnificas perguntas que nos fizeram, nós nem tentariamos pensar que a nossa brincadeira fosse toma la ao sério.

Ora! que sempre ha gente muito criança, muito ingenua mesmo, n'este mundo! Levarem a sério...

Então, sem querermos, demos uma enorme sorte de 1º de Abril? Foi a falta de opportunidade.

Em todo o caso, como todos os dias n'este bello paiz leva-se a enganar os

tolos, nada perdemos com esta falta.

Se se leva ou não, as mulheres que o digam.

Pois nós, pobres mancebos, sem outra aspiração mais que distrahir e defender o outro sexo, seriamos capazes de tentar uma idéa que, sabiamos, ia desgostal-o? Nunca! E as consequencias?

O despeito — um desgostosinho a magoal-as; a explosão das mais geniosas nos fazendo victimas felizes de sua seductora raiva; a offensa ao orgulho, manifestada por um sorriso amarello a brincar n'aquellas boquinhas cor de rosa e... tudo o mais.

Não, senhores.

Quando ellas pedirem, sim; do contrario, nem por pilheria, como nós fizemos, é bom fallar n'isso.

Deus nos livre!

## A C...

O typo de mulher que eu procurava,
Como quem n'um sorrir meigo procura
A doce nota alegre da ventura,
Achei-o emfim, tal como imaginava.

E tú, ó santa imagem de candura,
E's o typo ideal que eu não achava,
Com quem o peito meu louco sonhava
N'um sonho alado que até hoje dura.

Teu coração mimoso, sorridente,
E' para mim de certo, exactamente
Um templo divinal, uma guarida.

Quanto mais te vejo, mais m'encantas,
Com teu sorrir ameno ta supplantas
A deusa mais formosa desta vida.

MARTHUS RAQUER.

## FATALIDADE

A GERALDINO MACHADO

I

A brisa, envolvida nos acres perfumes da floresta, beijava mansamente as faces de Rosalia, que, pensativa e pallida, fazia no jardim um lindo ramilhete.

II

Phebo fugia apressado da terra, fazendo nas gigantescas nuvens alegres arrebóes.

III

Tudo era silencio... Rosalia, com a fronte pousada na mão e o braço apoiado ao peitoril da janella, esperava alguem.

IV

Meia hora depois o negro manto da noute sepultava a terra na mais profunda treva.

V

O mocho, lá no abysmo, gemia. Os sapos na lagôa coaxavam tristemente. O vento soltava pungidos ais quando raivoso esbarrava nos arvoredos!

VI

A chuva annunciava a sua proxima vinda; terriveis coriscos desciam, rapidamente, das ailturas.

As medrosas flores do jardim pendiam para o chão as suas perfumadas petalas.

VII

A chuva cahia!...

VIII

Quão triste não é admirar-se a natureza n'esse transe fatal! ninguem se atreve a combatel-a, nem o proprio Satanaz!

IX

No emtanto um vulto mais negro do que a noute, surgio dos sombrios coqueiros e approximou-se a passos estugados como os de um medico que pretende salvar o moribundo.

X

Era o amante de Rosalia.

XI

Apenas havia transposto o limiar do portão, quando foi fulminado por um raio! Fatalidade!

XII

Lá em cima continuavam as diabolicas gargalhadas das nuvens!

. . . . . .

XIII

No dia immediato, um catafalco duplo via-se na sala do castello! Os camponezes, em volta, dedicavam lugubres canticos áquelles dois jovens unidos pela fatalidade.

. . . . . .

XIV

A brisa envolvida no doce perfume do lindo ramilhete de rosas que Rosalia colhera beijava-lhe as faces pallidas e frias.

D. CEZAR DE BAZAN.

## REVELAÇÃO

Eu nunca confessei-te, meu amor,
O meu amor tão novo e tão ardente;
E assim tenho vivido sem transpor
O silencio do meu penar latente.

Mas hoje resolvi dizer-te tudo,
Tudo o que sente o triste coração
Que se conserva ha tanto tempo mudo,
Não por ser tibio, mas por discrepção.

Eu tinha medo, flor, de t'o dizer,
Tinha receios de desagradar-te
Quando, não me podendo mais conter,
O meu affecto fosse revelar-te.

E assim fui me contendo, e assim contive
O coração na febre que o devora;
Posso mesmo dizer-te que se vive
Foi esperando este momento agora.

Por isso, bem vês tu, a ti se prende,
Toda a ventura ou toda a desventura
Da minha vida que de ti depende
Como do ceu depende a luz tão pura.

Sentencia ou perdôa o meu amor,
Lança-me ao chaos ou dá-me a luz dilecta,
Já que o silencio acabo de transpor
Eu te dizer que te amo — *borboleta!*

SYLVIO LYRIO.

## ENTRE AS FLORES

Vi a gentil Rosa, pela primeira vez, n'um jardim, colhendo flores.

Dir-se hia uma incomparavel flor, entre flores... Admiravel o seu porte altivo e esculptural!

Lia-se-lhe no semblante a virtude e a bondade; suas faces rosadas e macias demonstravam exhuberante saude. Seu rosto velado por grandes olhos negros como a noite, mais niveo e agradavel se tornava... Fitei-a, e meus olhos quêdos não se cançaram de admirar a sua belleza

Tão distrahida estava a contemplar os seus cravos, suas rosas e violetas, que não me avistou a fixal-a pertinazmente...

Começou a cantar: sua voz argentina penetrou-me no amago do coração.. Senti que aquelles accordes harmoniosos echoavam serenamente no meu peito, deixando-me suave impressão.

Imaginei Dalila, e a celebre guitarra que fazia chorar as pedras. Não era instrumento que eu ouvia, mas sim um canto, uma harmonia celeste, que os anjos enviavam á terra! Tentei acompanhar esse canto, em voz baixa, de mim para mim; porém, triste sorte!... fallhava-me a voz, meus labios nem uma nota desferiam!

E' incrivel a sensação que tive! Sonhei, encostado á grade do jardim... e quantas illusões então senti no espirito!

Avistei, por entre nuvens, um anjo que descia á terra, e collocava na fronte pura d'aquella joven uma coroa cingida por estrellas. Como ficou bella! E depois vi no meu espirito que o anjo a levava comsigo, deixando-me só no vacuo. . a sonhar! Accordei...

Oh! quão horrivel o despertar! Movi os braços, ergui a cabeça que parecia preza d'um pezadello horrivel! Reagi e voltei a mim. Olhei para o jardim, procurei as flores que pareciam tristes sem a sua meiga flor; Rosa havia desapparecido.

Entretanto não a esqueço: até hoje vejo sempre, sempre, entre flores, a formosa Rosa.

ARTHUR GUIMARÃES.

## ESBOÇOS A LAPIS

II

D. CEZAR DE B ZAN

Eis o D. Cezar! *Ecce homo!*
Castelhano é só no nome.
Tem da Pilheria o renome,
Tilinta os guizos de Momo!

E' devoto do deus Como:
Come muito! E como come!...
Acho que sempre tem fome,
E isso mesmo não sei como!

Quer por força ser bonito,
Pretenção que eu, espedicto,
Vou bater com isto só:

E' cavalheiro, bom poeta,
Mas descende em linha recta
Do mandarim Chim-Cham-Fó!..

FRICINAL VASSICO

## A DANÇA

A dança tem sido em todos os tempos um dos meios empregados pela humanidade para manifestar o seu contentamento.

Sem querer entrar em um estudo historico, direi somente, que todos os povos, desde a mais atrasada tribu até a mais civilisada nação, fazem uso d'ella nos seus dias de regosijo.

Entre nós, nas classes menos educadas, aos passos cadenciados da dança, associam tambem o canto — e temos assim: os *Jongos*, os *Sambas*, etc.

Nas classes, porém, onde a civilisação e a instrucção têm progredido, a palestra e a dança, de mãos dadas, voam ao som da musica, de uma walsa, por exemplo, e perdem-se nesse conjuncto de alegrias que se chama um baile.

Assim, passa-se uma noite inteira, a uma contradança seguindo-se outra, com pequenos intervallos, onde os passeios dão occasião ás mais agradaveis conversações e onde, entre cavalheiros e damas, trocam-se as mais delicadas phrases espirituosas.

No correr d'esses intervallos ouve-se muitas vezes, ora, um cavalheiro agradecer a *flauta*, na accepção da gyria, de que foi victima; ora, outro a desfazer-se em desculpas, por ter commettido uma falta involuntaria, enganando-se na contradança que tinha pedido. Outras vezes, observa-se uma graciosa dama, contrariada por não ter sido tirada pelo par de sua predilecção; ou então, um alegre cavalheiro menos espansivo, por não ter como par n'aquella contradança a dama que desejava.

Posto de parte estes pequeninos contratempos, que não deixam de ter a sua graça, em um baile reina quasi que completa alegria.

Ao signal de uma contradança, todos como que ficam electrizados; uns procuram os seus pares, outros passeiam e dentro em pouco é geral o prazer: esquecem-se dos encommodos, das contrariedades, de tudo que é triste e... dançam. As pessoas que ficam sentadas, ou partecipam da alegria dos que dançam, ou cedem ás caricias de Morpheu, e tambem esquecem-se de tudo, até mesmo de que estão em um baile e... dormem!

No emtanto, ha quem diga não gostar da dança, e detestar os bailes; são gostos. Eu pela minha parte declaro que é o devertimento que mais aprecio e onde encontro mais atractivos.

Tivemos mesmo um distincto poeta que chamou aos bailes: — *alegrias falsas*. De accordo; mas já que as não podemos ter verdadeiras, tenhamos ao menos, para consolação, as alegrias falsas; frequentemos, pois, os bailes e dancemos.

LOUTO PADALE.

## LINDA

A tua bocca mimosa,
Cheia de risos e perolas,
Parece uma rubra rosa
Bordada de gotas cerulas.

O teu sorrir de creança,
Cheio de graça e frescor,
E' o sol, é a esperança
Do nosso sincero amor.

SEJO RALLIP.

## ECHOS

Temos recebido, e agradecemos, a visita dos seguintes jornaes: *Revista Typographica* n 40; *Camelia* n. 5; *Scentelha* n. 2; *Bisbilhoteiro* ns. 19 e 20; *Sportsman* ns. 90 e 91; *O Esboço* n. 1; *A Pilheria* n. 4.

Como não temos tido a permuta de outros jornaes, e crendo ser o motivo dessa falta o não conhecimento do local da nossa redacção, aqui a indicamos: Rua Visconde do Rio Branco, 69.


CONCERTO BRAZILEIRO

SARAU CONCERTO

CONCERTO BRAZILEIRO

SABBADO, 12 DE JANEIRO DE 1889

PROGRAMMA DO CONCERTO

1 — **CARLOS GOMES** — Symphonia do *Salvator Rosa*, para piano a quatro mãos, pelas Exmas. Sras. DD. Alice de Souza e Mello e Adelia Teixeira.
2 — **TOSTI** — Melodia, para baixo, pelo Sr. Luiz Rossi Junior.
3 — Solo, para flauta, pelo Sr. Motta Mello.
4 — **DENZA** — *Si tu m'amassi*, melodia, para tenor, pelo Sr. Raffaele De Agostini.
5 — **CARL FITTIG** — *Ich Grüsse Dich*, concert-reverie, duo para cythara, pelos Srs. Ricardo e Paulo Schindler.
6 — **BIZET** — *Strophe do toureador*, da *Carmen*, para barytono, pelo Sr. Luigi Rigali.
7 — Solo de harpa, pela Exma. Sra. D. Rita de Cassia Pinto Ribeiro Duarte.

As peças são gentil e obsequiosamente acompanhadas pelo maestro Costa Junior.

Os organisadores do Concerto

1° Tenente Alexandre Galdino da Veiga
Arthur José Marques.


Typ. LOMBAERTS & C.